



FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E
SECUNDÁRIO**

MILENE ALMEIDA ROSA

2007020987

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
EB 2,3/S DR. DANIEL DE MATOS JUNTO DA TURMA DO 9ºA NO ANO
LETIVO DE 2014/2015**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Miguel Fachada

COIMBRA

2015

Esta obra deve ser citada como:

Rosa, M. (2015). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos junto da turma do 9ºA no ano letivo de 2014/2015*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

AGRADECIMENTOS

Com a finalização de mais uma etapa na minha vida e no meu percurso académico, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que contribuíram nesta caminhada, e a tornaram mais especial e gratificante.

Em primeiro lugar aos meus pais, Feliciano e Silvina, por me apoiarem e incentivarem ao longo do meu percurso académico, pois sem eles não teria esta oportunidade de realizar o curso, por todo o esforço que fizeram e por me darem a possibilidade de ter uma vida profissional qualificada.

À minha irmã Cristiana, pelas “dores de cabeça” que me deu, mas também pelo papel fundamental que tem na minha vida.

Ao meu namorado, Rúben Mira, companheiro, confidente e melhor amigo. Obrigada pelo teu amor, dedicação, incentivo e compreensão incondicional demonstrado em todos os momentos deste trabalho, e por todas as palavras encorajadoras nos momentos certos.

Ao meu orientador da escola, Marco Rodrigues, pela forma que me acolheu desde o primeiro dia, pela sua disponibilidade, pela sua exigência e por todos os conhecimentos que transmitiu ao longo do ano, para me tornar uma melhor profissional.

Ao orientador da faculdade, Miguel Fachada, pela sua disponibilidade e contributo na minha formação, enquanto ser social e profissional.

À Professora Iolanda Daniel, pela transmissão de competências de profissionalismo, necessárias ao cargo de gestão intermédia.

A todos os meus amigos, mas em especial à Patrícia Oliveira e à Eva Oliveira, pois sempre estiveram a meu lado na vida académica, apoiando e ajudando em todos os momentos.

A Coimbra, por me fazer crescer enquanto pessoa e por proporcionar momentos que jamais esquecerei!

RESUMO

O Relatório Final de Estágio conclui o Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, pertencente à faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este relatório tem como objetivo a reflexão do trabalho desenvolvido ao longo do presente ano letivo, sobre o processo de ensino-aprendizagem numa turma do 9ºano. O Estágio Pedagógico foi desenvolvido na Escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos, em Vila Nova de Poiares. Com o estágio pretendi aplicar os conhecimentos adquiridos no percurso académico, mas também ter contacto com a realidade escolar, satisfazendo o complexo de ensino-aprendizagem. No presente relatório, pretendo demonstrar competências de análise crítica e refletir sobre os procedimentos fundamentais abordados ao longo do ano letivo, sendo eles o planeamento, realização e avaliação. Com isto, pretendo referir quais as expectativas iniciais relativamente ao estágio, dificuldades sentidas e superadas, estratégias de superação, aprendizagens realizadas, compromisso com as aprendizagens dos alunos e a atitude ético-profissional. O estágio pedagógico promove o desenvolvimento de um conjunto de saberes pessoais e profissionais, a identificação e resolução de problemas pedagógicos, visto que o professor deve saber reajustar o ensino às necessidades de cada aluno, sendo isto uma base para o futuro como docente de Educação Física. Por fim, aprofundarei o tema desenvolvido por mim, relacionando alguns estilos de ensino com o desenvolvimento de capacidades motoras em um aluno com necessidades educativas especiais.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico. Ensino-aprendizagem. Planeamento. Realização. Avaliação.

ABSTRACT

The Final Report of the Academic Practicum concludes the Masters in Teaching of Physical Education in Primary and Secondary Education, which belongs to the college of Sport Sciences and Physical Education of University of Coimbra. This report aims to reflect the work done throughout the current school year, about the process of teaching and learning in a 9th grade class. The teaching practice was developed in the Basic School of the 2nd and 3rd cycles and secondary Dr. Daniel de Matos, in Vila Nova de Poiares. With this internship, I intended to apply the knowledge acquired during the academic path, but also establish contact with the school reality, satisfying teaching-learning complex. In the present report, I expect to demonstrate critical analysis skills and reflect on the fundamental procedures covered throughout the school year: planning, implementation and evaluation. With it, I want to point out the initial expectations regarding the internship, difficulties felt and overcome, coping strategies, conducted learning, commitment to student learning and the ethical and professional attitude adopted. The teaching practice promotes the development of a set of personal and professional knowledge, identification and resolution of educational problems, as the teacher must be able to adapt the teaching to the needs of each student, this being the foundation for a future as a Physical Education teacher. To finish, I will build on the subject developed by me, comparing some teaching styles with the development of motor skills in a student with special educational needs.

Keywords: *Teaching practice. Teaching-Learning. Planning. Implementation. Evaluation.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. EXPECTATIVAS INICIAIS RELATIVAS AO ESTÁGIO PEDAGÓGICO	9
2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR.....	11
3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	13
3.1. PLANEAMENTO	13
3.2. REALIZAÇÃO.....	19
3.3. AVALIAÇÃO	21
3.4. COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL	24
4. APRENDIZAGENS, DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS	26
5. APROFUNDAMENTO DO TEMA/PROBLEMA.....	29
5.1. INTRODUÇÃO.....	29
7.2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	29
7.3. OBJETIVOS.....	31
7.4. METODOLOGIA.....	31
7.5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	35
6. CONCLUSÃO.....	37
7. BIBLIOGRAFIA	38

Declaração de Compromisso de Originalidade do Documento

Milene Almeida Rosa, aluno nº 2007020987 de MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

INTRODUÇÃO

A elaboração do presente documento insere-se no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico e Relatório de Estágio, dos 3º e 4º semestres do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Estágio pedagógico foi realizado na escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos, em Vila Nova de Poiares, no ano letivo 2014/2015. No Relatório de Estágio pretende-se que demonstremos competências de análise crítica e reflexão aprofundada acerca das aprendizagens adquiridas ao longo do presente ano letivo. Deste modo, pretendemos demonstrar todo o trabalho elaborado com a turma do 9º ano, expondo as competências e conhecimentos alcançados.

O relatório final apresenta, inicialmente, uma contextualização da prática desenvolvida na escola, no qual se refere os dados necessários ao suporte da reflexão sobre a prática do contexto vivido. Assim, apresentamos as expectativas iniciais relativamente ao estágio, e os elementos relativos às condições locais e da relação educativa, tais como a caracterização da escola e do grupo de educação física e o diagnóstico da turma.

De seguida, apresentamos uma análise sobre a prática desenvolvida com uma reflexão sustentada sobre os aspetos críticos da intervenção, e sobre o percurso global do estágio, tais como as dificuldades sentidas e superadas, estratégias de superação, dilemas que defrontámos, aprendizagens realizadas e orientações para o futuro profissional.

Por fim, desenvolvemos um tema/problema, onde exploramos a relação de alguns estilos de ensino com o desenvolvimento de capacidades motoras em um aluno com necessidades educativas especiais. Os estilos de ensino abordados no acompanhamento das aulas de educação física do aluno em questão, foram o ensino por comando, ensino por tarefas e o ensino inclusivo.

Com isto, o relatório final tem como objetivo apresentar elementos descritivos e reflexivos de toda a aprendizagem do Estágio Pedagógico, onde se considera o término deste.

1. EXPETATIVAS INICIAIS RELATIVAS AO ESTÁGIO PEDAGÓGICO

As expetativas iniciais relativas ao Estágio Pedagógico foram de uma variedade de sentimentos, onde prevalecia a apreensão, ansiedade, curiosidade, força de superação e força de vontade, pois teria que assumir o papel de professor, o que era diferente do que tinha feito anteriormente. Assim, iria enfrentar um conjunto de situações para o qual não me sentia preparada.

O Estágio Pedagógico é considerado um momento fundamental como processo de transição de aluno para professor, pois posso colocar em prática os nossos conhecimentos teóricos, com ajuda de orientadores para poder melhorar o desempenho como futuros professores, onde se deve evidenciar o contacto com a realidade de ensino. Deste modo, essa mesma transição na realidade escolar seria uma das expetativas iniciais, visto que o estágio seria um ano de muito trabalho e bastante exigente.

O primeiro contacto teria em mim uma grande ansiedade, visto que as turmas são cada vez mais heterogéneas. Assim, sempre pensava qual seria o comportamento da turma? Seria eu capaz de lidar com comportamentos desviantes ou de manter a turma motivada toda a aula para a atividade física? Conseguiria transmitir os conhecimentos necessários para que os alunos conseguissem evoluir o mais possível? Saberria qual a forma adequada de comunicar com os alunos? Todas estas questões eu colocava a mim mesma durante as férias de verão até encontrar a turma que iria lecionar.

Outras questões eu colocava acerca da planificação, visto que me foi transmitido conhecimentos ao longo dos anos anteriores sobre este tema. No entanto, sei que na realidade todo este processo seria mais complexo. Como seria realizar o planeamento anual? Quantas aulas devia lecionar em cada matéria? Como escolher os objetivos específicos adequados à turma e aos alunos individualmente? E a avaliação? Como seria feita? Como fazer as grelhas para essa avaliação? Seria justa nas notas que iria dar aos alunos? Ao aproximar o início do ano letivo, as dúvidas eram cada vez mais e a ansiedade ainda maior.

Ainda me questionava se o conhecimento adquirido na minha formação académica acerca das matérias seria o suficiente para poder transmitir aos alunos de forma clara e completa. Isto porque o professor deve dominar as componentes técnicas e conteúdos de cada matéria, para poder lecionar de forma mais adequada, falhando o menos possível.

Relativamente à aula em si, surgiam várias dúvidas, mais propriamente no que diz respeito à forma de lecionar, que estratégias seriam as mais adequadas para aquela turma, a organização do espaço e da aula de forma a promover um maior tempo de atividade física e não perder tempo, por exemplo na montagem de material entre exercícios.

Tudo isto esperava aprender com o tempo e com a ajuda de orientadores que estariam nas aulas a observar-nos, e ainda, com os colegas do núcleo de estágio que nos ajudariam com as suas diversas opiniões.

Para além de todas estas dúvidas, é importante referir que sentia-me motivada por poder ter contacto com a realidade escolar, para saber como seria todo o ambiente entre professores da escola e do grupo de educação física, e por poder ensinar e transmitir todos os conhecimentos já adquiridos anteriormente, proporcionando aos alunos um bom ambiente de aula e cooperação entre todos.

Este Estágio Pedagógico foi uma mais valia na minha formação académica, culminando assim o mestrado em ensino da educação física, de forma a que crescesse tanto a nível profissional como a nível pessoal.

2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR

A escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos situa-se em Vila Nova de Poiares, concelho que pertence ao Distrito de Coimbra. Este concelho faz fronteira com Penacova, Arganil, Lousã, Coimbra, Góis e Miranda do Corvo.

As aulas de Educação Física foram realizadas em dois espaços distintos, dos quais no campo de jogos dentro da escola, situado no exterior, e no Pavilhão Gimnodesportivo, pertencente à Câmara Municipal, fora da escola. Por este pavilhão ser relativamente próximo da escola, os alunos deslocavam-se a pé para o local. Para que houvesse uma conformidade entre os professores do Grupo de Educação Física, este criou um *roulement*, para que todos pudessem usufruir dos espaços de igual forma. O sistema de rotação de espaços foi realizado de quinze em quinze dias.

O Grupo de Educação Física pertence ao Departamento de Expressões, no qual o seu coordenador era o Professor Alberto Dionísio. Este grupo era constituído por nove professores dos quais quatro eram professores estagiários. Durante o ano letivo foram realizadas diversas atividades pelo Grupo de Educação Física, onde houve sempre grande disponibilidade por parte de todos os professores, mostrando haver uma camaradagem e empatia entre o grupo.

O Núcleo de Estágio foi constituído por mim, pelo Emanuel Fernandes, Fábio Fernandes e Luís Pires. Como orientador da escola, tivemos a sorte de ser uma pessoa colaborativa e disponível para o que precisássemos, pois demonstrou um grande profissionalismo, tornando o Estágio Pedagógico um sucesso para todos nós. O orientador da escola foi o Professor Marco Rodrigues. Já o orientador da faculdade foi o Mestre Miguel Fachada, onde se mostrou também colaborativo e sempre prestável, contribuindo sempre de forma positiva.

Relativamente à turma que me foi atribuída, pertencia à turma A do nono ano e era constituída por quinze alunos no seu total, dos quais dez eram do sexo feminino e cinco do sexo masculino. A média de idade dos alunos da turma era de catorze anos, variando alguns entre os catorze e quinze anos. No que diz respeito à parte social da turma, verifiquei que era um pouco desequilibrada, havendo alguns alunos com dificuldades económicas, e ainda, com situações familiares complexas. A turma era heterogénea quanto à sua preferência de disciplinas, sendo que a educação física não era

a sua primeira escolha. Com isto, verificou-se ao longo do ano que os alunos, nas aulas de educação física, não mostravam interesse pela prática desportiva, nem motivados para o exercício físico. Assim, na avaliação realizada inicialmente verificou-se que os alunos tinham grandes dificuldades tanto na execução dos gestos técnicos das modalidades como na percepção de jogo e suas regras. Exemplo disso foi na matéria de voleibol, que foi lecionada em anos anteriores, e os alunos desta turma tinham muitas dificuldades na execução do toque de dedos e manchete. Isto levaria a que não conseguissem relizar jogo, e conseqüentemente desmotivavam e perderiam o interesse na matéria em si.

3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Para o processo de ensino-aprendizagem é importante ter em conta alguns aspetos no que diz respeito às funções do professor. Deste modo, ao longo do Estágio Pedagógico foram desenvolvidas atividades que são fundamentais para este mesmo processo. Estas atividades foram necessárias para perceber o trabalho que o professor de educação física tem de desenvolver para lecionar as suas turmas. Assim, estas são divididas em três parâmetros: planeamento, realização e avaliação.

3.1. PLANEAMENTO

“Planificar a educação e a formação significa planear as componentes do processo de ensino e aprendizagem nos diferentes níveis da sua realização. A planificação significa também ligar a própria qualificação e formação permanente do professor ao processo de ensino, à procura de melhores resultados no ensino como resultante do confronto diário com problemas teóricos e práticos.” (Bento, 1998)

A preparação de todo o ano letivo iniciou com a elaboração de vários documentos relativamente à caracterização do meio e da escola, uma análise ao Programa Nacional de Educação Física e às decisões do Grupo de Educação Física. De seguida, foi realizado o planeamento anual (Anexo 1), pelo qual foi orientado as atividades a serem realizadas ao longo do ano letivo. O plano anual para Bento (1998) é um plano de perspetiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas. Deste modo, considera-se um documento no qual pode sofrer alterações ao longo do ano, para a melhoria do processo de ensino. A construção do plano anual é uma das tarefas que um professor tem de realizar, aprendendo assim, como o construir, tendo uma grande importância na minha experiência profissional.

De acordo com o Programa Nacional de Educação Física, a carga horária semanal atribuída à Educação Física é de três sessões de quarenta e cinco minutos cada. No entanto, a escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos decidiu que o tempo letivo seria de uma aula de quarenta e cinco minutos e um bloco de noventa minutos.

Relativamente aos testes de condição física, foi delineado desde o início do ano que a sua realização teria lugar no início do primeiro e do terceiro período, sendo

preciso dois blocos de quarenta e cinco minutos. Esta decisão estaria já previamente definida pelo grupo de Educação Física, tendo em conta os objetivos do Programa Nacional de Educação Física.

Outra decisão já tomada anteriormente pelo grupo de Educação Física diz respeito às matérias a lecionar em cada ano de escolaridade, sendo que as matérias nucleares definidas para lecionar ao nono ano foram: basquetebol, voleibol, ginástica acrobática e rítmica, atletismo, ténis e dança. A escolha destas matérias foi de forma a que seguissemos o Programa Nacional de Educação Física, apesar do nível de desempenho dos alunos. No entanto, tinha de lecionar também duas matérias alternativas, das quais optei por kinball e tagrugby, pois estas permitem outras experiências para os alunos. Estas últimas foram escolhidas, pois tive em conta o enriquecimento motor dos alunos. Sendo modalidades coletivas, tinham como objetivo desenvolver uma maior motivação por serem novidade para os alunos, e também criar espírito de entre ajuda entre os alunos.

A distribuição das matérias ao longo do ano letivo foi realizada tendo em conta uma aprendizagem ditribuída, de modo a que garantisse a consecução dos objetivos no final do ano de escolaridade. Esta aprendizagem conteve os conteúdos distribuídos, tendo em conta os espaços polivalentes falados anteriormente como a prioridade do plano da turma. Na aprendizagem distribuída ajustou-se as aprendizagens consoante as necessidades dos alunos e não como obrigação de abordagem às matérias durante um determinado tempo. As aprendizagens motoras foram tendencialmente distribuídas, tendo em atenção de não lecionar gestos técnicos novos em aulas de quarenta e cinco minutos. Neste modelo há uma maior continuidade de formação, no entanto houve, por vezes, um controlo mais difícil da turma, como aulas em que havia uma maior diversidade de atividades. Tudo isto, leva a que as unidades didáticas fossem adaptadas em função do nível dos alunos e que fossem de duração variável. Outra vantagem de aprendizagem distribuída relacionou-se com uma maior variação de atividades que os alunos têm ao longo do ano. De modos gerais, adotei este modelo para a organização do ano letivo, pois tornava-se mais equilibrado e com um nível de consolidação superior. O número de aulas atribuído a cada matéria foi definido consoante os objetivos definidos pelo Grupo de Educação Física para cada ano de escolaridade, adaptados para a escola, do Programa Nacional de Educação Física. Tudo isto também deve-se ao facto de haver

um *roulement*, que consistia num modo de funcionamento em que a sequência de abordagem das modalidades foi determinada pelo esquema de rotação das turmas pelos espaços de aula, entre o pavilhão gimnodesportivo e o espaço exterior da escola (campo de jogos), que era realizado de duas em duas semanas. É de referir que o número de aulas previsto foi flexível, pelo qual teve de ser modificado em alguns casos. A matéria onde houve mais alterações foi a de atletismo, pois aquando da sua realização no campo de jogos, a meteorologia não era adequada para os alunos aprenderem esta modalidade. Assim teve de haver alterações nas datas, nas matérias a lecionar, e ainda no número de aulas a lecionar em algumas matérias. Com todas estas alterações, acabei por ter dificuldade na gestão de tempo e no número de aulas, não lecionando a matéria de dança em nenhum dos períodos letivos.

Segundo Bento (1998), as unidades didáticas são partes essenciais do programa de uma disciplina, constituindo unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem. Sendo assim, é necessário haver uma ligação entre o planeamento e os objetivos pretendidos para a turma em si. Na realização das unidades didáticas tive em conta as orientações do Programa Nacional de Educação Física, o nível de desempenho dos alunos, definindo assim estratégias para conseguir a evolução dos alunos. Para tal, segui a mesma estrutura em todas as unidades didáticas, em que iniciei com uma caracterização dos recursos humanos e materiais, defini os objetivos gerais e específicos consoante a avaliação diagnóstica e o nível de desempenho motor dos alunos, defini o quadro de extensão de conteúdos (Anexo 2), as estratégias gerais e específicas, progressões metodológicas, e a avaliação sumativa.

Relativamente aos exercícios escolhidos nas unidades didáticas, estes foram na sua maioria generalizados, sendo que nos jogos desportivos coletivos, foi realizada a diferenciação na complexidade de jogo, reduzindo o número de jogadores por equipa, e consequentemente a redução das dimensões de campo. Isto verificou-se essencialmente na matéria de voleibol, havendo uma grande diferenciação no domínio técnico entre alguns alunos da turma. O exercício que prevaleci no basquetebol foi o vaivém, onde não houve diferenciação nas equipas, conseguindo assim que os alunos na sua generalidade percebessem de melhor forma o objetivo do jogo e de certa forma evoluíssem nesta matéria. Nas matérias individuais, os objetivos dos exercícios

escolhidos tiveram em conta a sua complexificação, onde um grupo de alunos realizou, por vezes, exercícios mais complexos, e os alunos com nível menor de desempenho motor realizassem exercícios mais simples. Isto verificou-se nas modalidades de ténis e voleibol, onde houve diferenciação de níveis. No entanto, alguns alunos de nível de desempenho motor mais baixo perceberam que os seus exercícios eram mais simples, enquanto outro grupo já estaria a realizar jogo. Isto levou à sua desmotivação e não se esforçando para conseguir evoluir nesta matéria.

Penso que as unidades didáticas foram bem desenvolvidas na sua generalidade, havendo uma coesão entre os objetivos definidos inicialmente e o que eram as necessidades dos alunos. Contudo, à medida que iam decorrendo as aulas tive que, por vezes, realizar ajustes para uma melhor aprendizagem dos alunos.

Na introdução de novos conteúdos, para além de tentar abordá-los maioritariamente nas aulas de noventa minutos, estes foram introduzidos de forma progressiva, tendo em conta o grau de dificuldade, visando sempre o sucesso dos alunos. No entanto, aquando da introdução de novos exercícios, por vezes alguns alunos dispersavam, o que implicava mais tempo de instrução, e menos tempo de atividade física, e ao se distraírem levavam o resto da turma para essa mesma distração. Mas na matéria de basquetebol, com o jogo em vaivém, levou a que os alunos não se distraíssem, havendo uma maior atividade dos alunos, e assim, uma maior e melhor progressão destes. Apesar de dar preferência a exercícios globais, tive em conta a necessidade da realização de exercícios analíticos, para que os alunos de nível motor mais baixo percebessem a forma correta de determinados conteúdos.

No que diz respeito à extensão e sequência de conteúdos, foram desenvolvidos em maioria nas unidades didáticas tal como definido na sua realização, apesar de haver algumas exceções relativamente a conteúdos em algumas matérias, de que saliento:

- No voleibol não foi lecionado o serviço por cima, devido à grande dificuldade e desempenho motor dos alunos para esta matéria. Entendi que seria necessário ter mais tempo na realização do toque de dedos, sendo assim possível a concretização do jogo;
- No ténis também não foi lecionado o serviço por cima, pois as aulas para treino desta modalidade eram poucas. Sendo assim, considere mais importante os alunos

iniciarem o jogo com serviço por baixo e aprenderem mais relativamente à trajetória da bola e aos deslocamentos que teriam de realizar no jogo;

- Na ginástica acrobática faltou incluir a música na sequência final em todos os grupos, considerando que seria melhor dar mais importância aos montes e desmontes das figuras acrobáticas. Não foi realizado também elementos de ligação, mesmo que eu tenha referido em todas as aulas que os alunos deveriam construir a sequência final com esses mesmo elementos. Na ginástica rítmica considero que a estratégia utilizada não foi a mais correta, havendo pouco tempo para os alunos terem contacto suficiente nesta matéria.
- No atletismo, devido às grandes alterações que tive de realizar ao longo do ano acerca desta matéria, tive dificuldade na lecionação de todas as disciplinas. Deste modo, não consegui lecionar o lançamento do dardo, e mesmo as restantes disciplinas, tal como o lançamento do peso e triplo salto, considerei que foi dado pouco tempo para os alunos poderem praticar.
- Com os ajustes realizados ao longo do ano letivo, relativamente às matérias e o seu número de aulas, não consegui lecionar a matéria de dança.

Relativamente aos grupos criados nas aulas, optei por definir grupos tanto homogêneos como heterogêneos. Quando escolhia grupos heterogêneos era para haver grupos funcionais em termos de comportamento, para minimizar as perturbações nas aulas, como por exemplo nas matérias de basquetebol e kinball.

As estratégias definidas nas unidades didáticas eram idênticas, sendo que parte destas se reportavam à realização do ensino, como demonstrações, feedbacks, entre outros. No entanto, tive em consideração outras estratégias, tais como:

- Os exercícios escolhidos para cada aula da unidade didática progrediam na sua complexidade, ou seja, começavam no mais simples para o mais complexo;
- Ao longo de todas as aulas, realizava avaliação formativa, com um preenchimento de uma tabela onde avaliava as atitudes/comportamentos e as competências específicas, com parâmetros de nível um a cinco;
- Na última aula de cada unidade didática, realizava uma avaliação sumativa de todos os alunos, avaliando os conteúdos abordados ao longo do decorrer das aulas;
- Cada vez que eu estava a falar/instruir para toda a turma, os alunos deveriam manter-se em silêncio;

- Aos alunos que não realizavam aula, era lhes entregue um relatório de aula, com algumas questões acerca do que era abordado na aula, para estes preenchessem e entregassem ao professor no final desta.

A aula de Educação Física, assim como todas as formas de ensino ou de exercitação em desporto e como qualquer outra sessão de ensino racionalmente organizada, estrutura-se normalmente em três partes: parte introdutória, parte principal e parte final (Bento, 1998). Assim, este esquema tripartido foi o utilizado por mim em todos os planos de aula realizados.

Desta forma, a parte introdutória não só dizia respeito ao aquecimento como também a uma parte inicial da aula em que transmitia aos alunos os objetivos da aula e fazia uma revisão do que foram os conteúdos da aula anterior. Para além disto ainda efetuava o controlo de presenças, e de seguida realizava o aquecimento. Este último tinha sempre uma componente de ativação geral que se desenvolvia através de jogos lúdicos ou de corrida contínua. Logo depois era realizado a mobilização articular, preparando as articulações mais utilizadas na aula para a atividade física. A mobilização articular era realizada inicialmente por mim, optando mais tarde para chamar um aluno em cada aula para a realização desta. Já a parte final, diz respeito ao retorno à calma, e ainda à revisão dos conteúdos lecionados durante a aula. Esta revisão foi realizada através do questionamento aos alunos.

Neste esquema tripartido foi importante definir o que era necessário para construir o plano de aula (Anexo 3). Deste modo, foi definido no início do ano letivo, um modelo entre o Núcleo de Estágio e o orientador, no qual apresentei o tempo parcial e total, os objetivos específicos de cada exercício, a descrição/organização metodológica, e ainda as componentes críticas e critérios de êxito. Para além destes itens, é importante referir que o plano de aula era constituído pelos nomes do professor orientador e professor estagiário, o número de aula e da aula da unidade didática, o ano letivo, o período letivo, a data, o espaço a ser utilizado, o número de alunos, a duração e função didática da aula, os recursos materiais, os objetivos da aula e o respetivo sumário. Assim era constituído o plano de aula elaborado atempadamente, de forma a que definisse as estratégias a serem utilizadas para controlo da turma, tal como por exemplo a colocação do material no espaço disponível. A realização do plano de aula teve sempre em conta as características dos alunos e a extensão de conteúdos já

determinada na unidade didática. Para além do plano de aula, apresentava a justificação das opções tomadas.

A justificação do plano de aula foi útil pelo facto de mais tarde poder verificar se foi realizada algum ajustamento ao longo da aula, no que diz respeito ao tempo dos exercícios ou até mesmo aos exercícios em si. Ainda foi apresentado também uma tabela com o número dos alunos, onde o seu objetivo era avaliar formativamente acerca das suas competências específicas realizadas na aula e as atitudes e comportamentos destes.

Posso considerar que o plano de aula foi um documento “aberto”, visto que se fosse necessário, durante a aula, o professor podia adequar o planeado anteriormente à situação da aula em si, realizando algumas modificações neste.

3.2. REALIZAÇÃO

No início do ano letivo deparei-me com a turma que me foi atribuída, percebendo que esta era sociável e que gostavam de brincadeira no decorrer da aula, o que me dificultou na instrução dos exercícios, e até mesmo na colocação de voz. Esta última, penso ter sido a maior dificuldade que apresentei em grande parte do ano letivo, tendo dificuldade em instruir quando os alunos estavam nos seus campos, optando mais pelo feedback individualizado ou em pequenos grupos. Relativamente aos feedbacks, poderia ter evoluído um pouco mais, pois deveria fornecer uma maior número de feedbacks e quando se justificasse, realizar feedback coletivo.

A primeira instrução realizada era logo no início da aula, transmitindo os objetivos e os conteúdos a abordar. Aquando da realização da mobilização articular, explicava também o exercício que os alunos iriam efetuar logo de seguida, instruindo conteúdos novos, se necessário. Nesta explicação tentava ser o mais objetiva possível tendo alguma dificuldade no início, pois alguns alunos não percebiam o que teriam de realizar. Deste modo, tinha que utilizar sempre demonstração para uma melhor perceção do exercício em si.

Para verificar se os alunos perceberam o que se realizou na aula e adquiriram os conteúdos necessários, no final da aula optei por fazer uma revisão do que foi lecionado,

usando o questionamento aos alunos. Por vezes, acontecia os alunos estarem distraídos no decorrer da aula, e no final não conseguirem responder às questões colocadas.

Quanto à gestão do tempo de aula, verifiquei ao longo das aulas ia melhorando, tendo o cuidado de terminar a aula sempre à hora prevista, realizando uma instrução clara e objetiva, utilizando a demonstração como ajuda, e ainda na diminuição de tempo na transição de exercícios. Esta transição ao longo das aulas ia decorrendo de forma fluente. A colocação do material era sempre realizada por mim, antes de iniciar a aula, pois era uma forma de economizar mais tempo para a atividade dos alunos. Já a arrumação do material, por vezes era um pouco mais demorada do que o previsto, visto que alguns alunos começavam na brincadeira e dispersavam. No que diz respeito ao tempo da realização dos exercícios, estes foram cumpridos no geral, tendo que fazer alguns ajustes necessários para a realidade dos alunos.

Para economizar mais o tempo de aula, sempre que havia formação de grupos no decorrer desta, estes eram criados aquando da realização do plano de aula, pois assim não iria perder ainda mais tempo na formação dos grupos, tendo mais tempo de empenhamento motor.

Em diversas situações, os alunos começavam a chegar atrasados à aula, sendo que defini que o último aluno a chegar arrumaria o material no final da aula, conjuntamente com o aluno que não fizesse aula (se houvesse). Com isto, verifiquei uma melhoria nas aulas seguintes, pois os alunos chegariam todos à hora certa.

Estas estratégias foram fundamentais ao longo do ano letivo, pois verificou-se uma melhoria de rentabilização de tempo para o desempenho motor, e para a aula fluir corretamente.

Relativamente ao controlo da turma, as dificuldades que tive foram um pouco difíceis de ultrapassar, pois esta turma tinha bastantes comportamentos fora da tarefa, havendo um desencaminhamento no que diz respeito às regras estabelecidas. Estes comportamentos levavam a que os alunos permanecessem mais distraídos nas aulas, não tomando a atenção necessária ao longo desta. Deste modo, tive de tomar medidas, permanecendo nas aulas mais apreensiva e severa, do que aquilo que eu gostaria. No entanto, deveria ter tido uma atitude mais rígida desde o início do ano letivo para conseguir ter esse controlo mais definido, e ter menos paragens no decorrer da aula para correção do comportamento dos alunos.

Ao longo das aulas fui motivando os alunos, promovendo um bom clima de aula, com o intuito de que os alunos conseguissem boas aprendizagens e ficassem motivados para a prática desportiva.

No desenvolvimento da aula, por vezes, foi necessário realizar algumas decisões de ajustamento ao que já havia planeado. Isto aconteceu tanto nos exercícios escolhidos (pouco frequente), como no número de alunos por grupo, pois por vezes faltavam alunos ou não faziam aula, o que tinha de “ajustar na hora”. Relativamente a esta dimensão, não tive grandes dificuldades, pois tentava sempre ajustar de melhor forma o que pretendia para ter sucesso nas aprendizagens dos alunos. Por vezes, falhava um pouco nas dimensões dos campos, por exemplo no tag rugby utilizei a mesma dimensão de campo (medidas de um campo de basquetebol) para um exercício de 3x3 e de 5x5, sendo que a medida oficial para um jogo formal (5x5) são as medidas de um campo de futsal.

Este trabalho de ajustamento, muitas das vezes era estudado em casa, de modo a que facilitasse a organização da aula no momento, de modo a rentabilizar o tempo para a prática desportiva.

3.3. AVALIAÇÃO

A avaliação é uma operação descritiva e informativa nos meios que emprega, formativa na intenção que lhe preside e independente face à classificação. (Ribeiro, 1999)

Deste modo, considera-se que na avaliação se possa concluir se houve ou não alguma progressão no aluno e se este conseguiu atingir os objetivos propostos inicialmente. O professor avalia de modo a que haja um melhor ensino e a garantir a qualidade de aprendizagem dos alunos. Para esta avaliação é necessário que haja um planeamento anterior, para que o professor saiba o que avaliar na aula, isto é, tem de recolher informação sobre o que avaliar, quais os conteúdos de cada matéria, de modo a perceber qual o ponto de percurso do aluno, e assim, determinar quais as suas dificuldades.

As avaliações utilizadas por mim ao longo do ano, enquadraram-se em três tipos, dos quais a avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa. Cada tipo de avaliação teve a sua função específica, no entanto complementaram-se umas às outras. Para além destes tipos de avaliação, os alunos realizaram a sua auto-avaliação, preenchendo uma tabela pré-definida pelo Grupo de Educação Física. Este preenchimento foi realizado na última aula de cada período letivo.

A avaliação diagnóstica pretende averiguar em que ponto o aluno se encontra, face às novas aprendizagens, ou seja, perante as aprendizagens que lhe irão ser propostas na matéria. Assim, é correto, esta avaliação ser utilizada no início da matéria, de modo a que o professor consiga perceber qual o nível em que a turma se encontra e as dificuldades de cada aluno. Segundo Ribeiro (1999), a função essencial da avaliação diagnóstica é verificar se o aluno está de posse de certas aprendizagens anteriores que servem de base à unidade que se vai iniciar.

Sendo necessária a averiguação do nível dos alunos, para traçar objetivos adequados a estes, para cada matéria tive em conta os seguintes registos: nível um - “Em situação de jogo ou exercício critério o aluno não executa as ações a avaliar, não respeitando, de todo, as várias componentes críticas essenciais para o seu sucesso”; nível dois - “Em situação de jogo ou exercício critério o aluno executa a ação a avaliar. Contudo, não cumpre na globalidade os elementos descritos para cada objetivo”, e nível três - “Em situação de jogo ou exercício critério o aluno executa a ação a avaliar, cumprindo a generalidade das componentes críticas essenciais para o seu sucesso”. Deste modo, posso afirmar que a turma, na sua globalidade, se apresentava no nível um em todas as matérias, tendo em conta que esta turma apenas tinha lecionado as matérias de voleibol e basquetebol em anos letivos anteriores, as restantes matérias eram todas novas para os alunos. Para esta classificação, foi construída uma tabela com critérios que eu pretendia lecionar durante as aulas (Anexo 4). Depois de registar esta mesma tabela, foi realizado uma análise, onde foi possível diferenciar os grupos de nível, definindo quais os objetivos específicos para cada aluno.

Nas matérias de jogos desportivos coletivos, a avaliação diagnóstica baseou-se em jogo reduzido, em que percebi quais eram as dificuldades dos alunos tanto a nível de jogo como a nível analítico. No voleibol, optei por reajustar o plano de aula, fazendo

pouco tempo de jogo inicialmente, e abordar o gesto técnico de toque de dedos. Isto aconteceu, por haver grandes dificuldades em toda a turma na sustentação da bola.

Para Ribeiro (1999), a avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução. O autor afirma, assim, que esta avaliação desempenha um função idêntica à função da avaliação diagnóstica.

Esta avaliação foi realizada ao longo de todo o processo ensino-aprendizagem, através da realização de uma grelha, onde foi registado a avaliação dos alunos todas as aulas, relativamente às atitudes e comportamentos e às competências específicas. Esta classificação foi realizada do nível um a cinco, correspondendo o nível um a mau e o nível cinco a muito bom. O registo da grelha foi realizada posteriormente à aula, através da observação durante esta.

Por fim, a avaliação sumativa permite algumas vantagens no processo de ensino-aprendizagem, ao qual permite aferir os conhecimentos dos alunos efetuados ao longo da unidade didática. Ribeiro (1999) afirma que este tipo de avaliação corresponde a um balanço final, onde se “pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo a obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.”

Aos alunos que não realizaram metade ou mais das aulas da unidade didática foi realizado um teste teórico, entregando um documento de estudo antecipadamente a estes para que pudessem estudar com o devido tempo.

Os restantes alunos efetuaram a componente prática, consistindo na execução de gestos técnicos na sua globalidade, isto é, nos jogos desportivos coletivos foi executado jogo reduzido, exceto no tag rugby onde foi avaliado o jogo formal. Nas matérias de carácter individual foi avaliado os conteúdos na sua globalidade, como por exemplo, no triplo salto foi avaliado o salto por completo e a distância que os alunos conseguiam saltar.

Para este tipo de avaliação foi contruído uma grelha (Anexo 5), onde foram definidos critérios que tiveram por base o Programa Nacional de Educação Física. Para a classificação da avaliação sumativa, foram definidos os mesmos parâmetros da avaliação formativa, ou seja, do nível um (mau) ao nível cinco (muito bom). Em cada

unidade didática, os critérios definidos para a avaliação foram adequados aos objetivos definidos anteriormente na avaliação diagnóstica.

Em algumas unidades didáticas houve diferenciação de níveis de desempenho, sendo que estes foram através da simplificação do movimento ou reduzindo o número de jogadores por equipa ou nas dimensões do campo. Isto verificou-se na matéria de voleibol, onde um grupo de alunos realizou jogo 4x4 e outro grupo de alunos realizaram 3x3. Na matéria de atletismo, na disciplina de triplo salto, a distância da tábua de chamada à caixa de areia era menor nos alunos de nível de desempenho mais baixo, comparativamente com o grupo de alunos de nível de desempenho mais elevado.

3.4. COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL

“A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro de desempenho diário do estagiário.” (Silva, E., Fachada, M., Nobre, P., 2014)

A ética profissional deve ser um conjunto de comportamentos que um docente deve ter em conta, de modo a que desempenhe as suas funções da melhor forma. Estes comportamentos devem ser a base de um bom profissional, tendo em conta o respeito e o profissionalismo, não só com as funções que lhe são atribuídas mas também com a comunidade escolar.

Ao longo do ano letivo, contribuí com a minha participação e apoio nas diversas atividades escolares, sempre que solicitado. Exemplos dessas atividades foram a atividade do magusto, o megasprinter, o corta-mato, participei também com uma coreografia de zumba para a comunidade escolar no dia contra o cancro da mama, e outras mais atividades. Todos os elementos do núcleo de estágio participaram também nos almoços no restaurante da escola, onde os alunos do curso profissional de cozinha elaboravam requintes pratos para os professores.

Relativamente aos horários, sempre os cumpro durante todo o ano letivo, apresentando-me também sempre com o devido respeito a toda a comunidade escolar. O

núcleo de estágio sempre demonstrou comportamentos adequados perante as funções e o cargo que desempenhou.

Com isto, gostei bastante do local onde fiz o meu estágio, não só pelo local em si, mas pelas pessoas que nele participaram, pois sempre foram cordiais connosco e muito atenciosos na nossa receção.

4. APRENDIZAGENS, DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

No início do ano letivo, tive algumas dificuldades logo na avaliação diagnóstica, pois não saberia se estava a ser justa ao avaliar todos os alunos. Isto porque seria difícil visualizar os gestos técnicos de todos os alunos ao mesmo tempo que estaria a avaliá-los de forma qualitativa. Para esta avaliação era necessário dominar muito bem as componentes críticas dos gestos técnicos, o que eu não dominava completamente. No entanto, com a ajuda do meu orientador, consegui avaliar os alunos, pois já conhecia os alunos de anos letivos anteriores e partilhou comigo a sua opinião. Outra dificuldade que tinha no início, tinha a ver com a construção dos planos de aula, pois não sabia se os exercícios escolhidos seriam os mais corretos para o nível dos alunos; se o tempo desses mesmos exercícios seria o mais adequado; quanto tempo teria para dar instrução. Assim, tentei ter sempre cuidado na escolha dos exercícios e que a organização da aula fosse a mais correta. Ainda nos planos de aula, penso que a análise reflexiva da aula não era realizada da melhor forma, tendo dificuldade em especificar o que foi realizado pelos alunos, e ao mesmo tempo saber auto-criticar. Ou seja, inicialmente descrevia apenas o que acontecia na aula e não realizava uma reflexão em si. No entanto, posteriormente consegui criticar algumas opções que tomava na aula, sabendo sugerir outras opções melhores.

No decorrer da aula tive alguma dificuldade em transmitir os exercícios de forma rápida e objetiva, esquecendo-me por vezes de utilizar a demonstração para uma melhor perceção dos exercícios. A transição entre exercícios, nas primeiras aulas, era um pouco elevada, levando os alunos a dispersarem da aula. Uma das dificuldades que mais tive ao longo do ano, foi a qualidade de feedback, relativamente ao conteúdo e à identificação do erro em algumas matérias especificamente.

As estratégias de resolução destes problemas que utilizei, foram através da experiência do professor orientador, que partilhou sempre a sua opinião e a forma mais correta de realizar alguns exercícios e outras informações necessárias, e observando as aulas ministradas por ele. Outra estratégia utilizada teve a ver com as reuniões realizadas semanalmente com o núcleo de estágio, onde podemos trocar opiniões e ideias de melhoria tanto de aula como nas análises reflexivas. A resolução da qualidade de feedback foi um aspeto que tive dificuldade em ultrapassar, no entanto tentei ter o

cuidado ao longo do ano letivo de os fornecer de forma correta e sem deixar transparecer essa dificuldade aos alunos.

A maioria das minhas dificuldades foram ultrapassadas, com a ajuda dos orientadores e dos colegas do núcleo de estágio. No entanto, todo este trabalho ajudou a que crescesse de forma a que me torne uma boa profissional, e que mais tarde possa tomar as decisões mais corretas nas aulas. Por o estágio pedagógico ser um momento constante de avaliação, foi necessário ter um rigor contínuo acerca de todas as funções necessárias a este cargo. Deste modo, as aprendizagens que obtive foram bastantes, principalmente por este ano termos contacto com a realidade escolar e não apenas em termos teóricos. Com este contacto, percebi que as estratégias a serem utilizadas depende da turma que encontramos e do seu comportamento. Aprendi também que temos de tomar decisões no momento, principalmente ao longo da aula, conseguindo reajustar os exercícios às necessidades dos alunos. No início do ano letivo, tive perceção de fazer estes reajustamentos, no entanto consegui ultrapassar essa dificuldade com o decorrer das aulas.

A elaboração dos planos de aula, como referido anteriormente, foi uma dificuldade no início do ano letivo, demorando algum tempo na sua construção. Mas com a ajuda do orientador, e com as inúmeras repetições da sua construção, foi cada vez mais fácil verificar os meus próprios erros nesta elaboração. Esta dificuldade foi das primeiras que me surgiu ao iniciar o ano letivo. No primeiro contacto com os alunos, consegui perceber que a colocação de voz era mais uma das minhas dificuldades, sendo difícil projetar a voz de modo a que todos os alunos ouvissem quando estavam distanciados, o que levou a ter dificuldade em conseguir fornecer feedbacks coletivos, no local onde os alunos se encontravam.

Na gestão de tempo de aula, consegui sempre ter o cuidado de terminar a aula a horas, no entanto as instruções, por vezes, eram bastante prolongadas, no qual levava a “perder” tempo para a prática desportiva. Com isto, levava à consequência da transição de exercícios ser mais demorada, mas ao longo das aulas consegui resolver esse problema, mostrando fluidez nas aulas seguintes.

Na construção de grupos na aula, estes eram previamente definidos, para assim rentabilizar tempo. Estes grupos eram realizados consoante o seu nível de desempenho motor ou o comportamento dos alunos para não haver comportamentos desviantes no

decorrer da aula. Na realização do plano de aula, tive o cuidado de construir grupos com o mesmo número de elementos para que nos exercícios não houvesse grandes mudanças, isto é, mais uma vez para rentabilizar o tempo de aula, sem trocas de elementos dos grupos. Esta foi uma estratégia que encontrei para conseguir obter uma boa organização da aula e diminuir os tempos de transição dos exercícios.

Estes aspetos que referi anteriormente são aqueles que considero ter aprendido mais, e onde melhorei neste ano de estágio.

5. APROFUNDAMENTO DO TEMA/PROBLEMA

5.1. INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular Relatório de Estágio, inserida no quarto semestre do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, foi nos proposto aprofundar um tema/problema que recaísse nos temas de feedback e/ou estilos de ensino. Deste modo, decidimos relacionar os estilos de ensino numa intervenção a um aluno com necessidades educativas especiais. Assim, como tema deste estudo apresento a “Relação entre alguns estilos de ensino e o desenvolvimento das capacidades motoras em um aluno com necessidades educativas especiais”.

O aluno em questão deambula em cadeira de rodas, pois apresenta um quadro neuromotor de tetraplégia completa em C7. O trabalho desenvolvido com o aluno foi realizado ao longo do presente ano letivo em algumas aulas de educação física, no qual se pretendeu trabalhar essencialmente a sua força. Relativamente aos estilos de ensino que foram abordados durante este estudo, foram o estilo de ensino por comando, por tarefas e de ensino inclusivo.

7.2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Segundo Mosston e Ashworth (1994, 2008), “o domínio de um repertório de estilos/modelos de ensino é hoje uma competência exigida a qualquer profissional da educação”. “Os factores que permitem diferenciarem os diversos estilos incluídos no espectro criado por Mosston são os modos de organização e a forma em que as decisões são distribuídas entre professor e alunos” (Siedentop, 1998).

A escolha do estilo de ensino atribui um determinado papel ao aluno, condiciona a relação dos alunos com a tarefa entre si, e também o modelo de comunicação adotado, e influencia a quantidade e a qualidade das condições de prática. Deste modo, cada estilo produz efeitos próprios e diferenciados, consoante o vetor de desenvolvimento, seja ele físico, emocional, cognitivo ou social.

O espectro de estilos de ensino, segundo Mosston, varia entre a reprodução do conhecido (ensino por comando, ensino por tarefas, ensino recíproco, ensino com auto-avaliação, ensino inclusivo) e a descoberta e produção do desconhecido (ensino por descoberta guiada, ensino por descoberta convergente, ensino de produção divergente, programa individual desenhado, ensino iniciado pelo aluno, auto-ensino). Estes últimos dão uma maior poder de decisão ao aluno, comparativamente aos primeiros, de reprodução do conhecido, que dão um maior poder de decisão ao professor.

Ao longo das aulas, foram aplicados alguns estilos de ensino onde o objetivo era avaliar qual o mais adequado para o desenvolvimento do aluno, pois com certeza que alguns não se aplicarão. Assim, neste estudo, optei por trabalhar apenas três estilos de ensino no qual o professor tem mais poder de decisão, dos quais o ensino por comando, ensino por tarefas e ensino inclusivo.

Relativamente ao ensino por comando, este tem como propósito promover uma aprendizagem exata da(s) tarefa(s), num curto período de tempo, sendo todas as decisões tomadas pelo professor. Tem como implicações o uso eficiente do tempo, alto empenho na tarefa e progresso rápido. De acordo com o papel do professor, este decide sobre os conteúdos a ensinar, realiza todas as decisões da fase de impacto e fornece feedback ao aluno acerca do seu papel e da aprendizagem realizada. Já o aluno tem de seguir as ordens do professor e desempenhar a tarefa quando e como descrita.

O estilo de ensino por tarefas tem como propósito dar ao aluno tempo por trabalho individualmente e possibilitar ao professor o fornecimento de feedback individualizado. Este estilo de ensino apresenta algumas implicações, onde os alunos começam a ser independentes, são necessárias atividades para os alunos que terminam a tarefa, o que leva a que o tempo da tarefa seja afetado. O papel do professor é manter-se disponível para responder às questões dos alunos e recolher informação acerca do desempenho dos alunos e dar feedback individualizado. No entanto, o aluno tem de realizar a tarefa e decidir sobre as ordens das tarefas, tempos, ritmo, intervalo, postura, aparência, questões iniciais, entre outras coisas.

Por último, o estilo de ensino inclusivo tem como propósitos o aluno aprender a selecionar um nível ou tarefa que é capaz de desempenhar, e ainda, verificar o seu próprio trabalho. Tem como implicações, o aluno poder recuar ao nível anterior para experimentar sucesso; existir diferenças entre a realidade e a aspiração; e, alguns alunos

terem dificuldades em escolher o nível. O papel do aluno é realizar as decisões do estilo de ensino por tarefas, examinar os diferentes níveis da tarefa, selecionar o nível apropriado para si, desempenhar a tarefa, comparar o seu desempenho com os critérios preparados pelo professor e questionar o professor para esclarecimento de dúvidas. O professor tem de preparar as tarefas e os seus níveis, os critérios para cada nível, e ainda, responder aos alunos.

7.3. OBJETIVOS

Com a elaboração deste estudo, o objetivo principal que pretendo realizar é identificação do melhor e mais adequado estilo de ensino para trabalhar com uma pessoa com necessidades educativas especiais, aquando da sua deambulação ser a cadeira de rodas. No entanto, pretendo também:

- Verificar se os estilos de ensino utilizados são os mais adequados para o desenvolvimento do aluno;
- Desenvolver as capacidades motoras do aluno com necessidades educativas especiais;
- Motivar o aluno para trabalhar e não desistir nas primeiras dificuldades.

7.4. METODOLOGIA

A amostra é constituída por um aluno com necessidades educativas especiais, onde apresenta como principal diagnóstico sequelas de politraumatismo (tetraplágia, entre outras). No entanto, apresenta também défice cognitivo global. A tetraplágia apresentada é completa de nível C7. É importante referir que o aluno em questão teve um acidente à dois anos, onde foi atropelado, sendo o motivo da sua tetraplágia. Contudo, já apresentava anteriormente um défice cognitivo, tendo dificuldade nas aprendizagens.

No ano letivo anterior (2013/2014), um professor de Educação Física desenvolveu algum trabalho com o aluno, no qual desenvolveu a coordenação óculo-manual, manipulação de cadeira de rodas e o desenvolvimento cognitivo.

Para uma melhor percepção do nível em que o aluno se encontra, apliquei na primeira aula alguns testes de acordo com o trabalho que pretendo desenvolver. Deste modo, passo a salientar os testes:

Testes	
Proeficiência Motora Bruininks-Oseretsky (1978)”	Coordenação de membros superiores (agarrar um bola e lançá-la com ambas as mãos, agarrar uma bola e lançá-la com uma mão e driblar uma bola com uma só mão)
FACDEX	Lançamento da bola medicinal em frente
	Lançamento da bola medicinal à retaguarda
Bateria de Testes Vítor da Fonseca	Noção do corpo (sentido cinestésico, auto-imagem e imitação de gestos)
	Praxia global (coordenação óculo-manual)
	Praxia fina (velocidade-precisão)

Relativamente a estes testes, o teste de Proeficiência Motora Bruininks-Oseretsky (1978) tem como objetivo detetar precocemente crianças e jovens com talentos na área da motricidade ou com sinais funcionais desviantes, avaliando assim o seu desempenho motor. Assim, utilizei este teste para poder verificar a coordenação dos membros superiores do aluno com necessidades educativas especiais. Com a existência de sub-testes, tive de excluir alguns pelo facto do aluno não conseguir realizar esses movimentos. Deste modo, nos testes realizados o aluno tinha de agarrar uma bola e lançá-la com ambas as mãos, agarrar uma bola e lançá-la com uma mão (direita e esquerda) e driblar uma bola com uma só mão (direita e esquerda).

No teste FACDEX, o aluno tinha de realizar o lançamento da bola medicinal à frente e à retaguarda. A bola medicinal a ser utilizada deveria ser de 2 kg, no entanto

devido à falta de força dos membros inferiores, teve de ser utilizada uma bola de apenas 1 kg.

Para Vítor da Fonseca, a bateria psicomotora é um instrumento de observação cuja construção só foi possível ao longo de 20 anos de convivência dinâmica com inúmeros casos clínicos, e permite avaliar o perfil psicomotor do aluno mais qualitativamente do que quantitativa. Tal como as restantes baterias anteriormente faladas, este apresenta mais testes do que os realizados neste estudo. Deste modo, apenas foram realizados os testes de noção do corpo, praxia global e praxia fina. Dentro da noção do corpo, foi realizado o sentido cinestésico onde se pretende que o aluno identifique as partes do seu corpo, nomeando onze pontos táteis (testa, boca, olho direito, orelha esquerda, nuca ou pescoço, ombro esquerdo, cotovelo direito, joelho esquerdo, mão esquerda, polegar e indicador); a auto-imagem, onde se pede ao aluno que, de olhos fechados, com os braços em extensão lateral, as mãos fletidas e os indicadores estendidos, realize um movimento lento de flexão do braço tente tocar com as pontas dos dedos indicadores a ponta do nariz, por quatro vezes, duas com cada indicador; e, a imitação de gestos, onde o aluno vê a imagem, imitando os gestos que o professor faz.



Na praxia global, o teste que se realizou foi a coordenação óculo-manual, no qual a tarefa requer uma bola de ténis e um cesto do lixo, uma cadeira e uma fita métrica. Pediu-se ao aluno que arremesse a bola para dentro do cesto colocado em cima de uma cadeira e a uma distância de 1.50 m, onde foi realizado um ensaio e depois quatro lançamentos. Na praxia fina foi realizado o teste de velocidade-precisão, ao sugeriu-se ao aluno que fizesse o maior número de cruces durante 30 segundos dentro dos quadrados de papel, da esquerda para a direita. Depois, em outra folha quadriculada, repetir o exercício, mas em vez de cruces a criança deve colocar pontos nos quadrados.

Relativamente à pontuação dada na Bateria Psicomotora (Vítor da Fonseca), são os seguintes:

Bateria Psicomotora (Vítor da Fonseca)	Pontuação (nível)
Sentido cinestésico	1. Nomeia de um a três pontos táteis
	2. Nomeia de quatro a seis pontos táteis
	3. Nomeia de oito a dez pontos táteis
	4. Nomeia todos os pontos táteis
Auto-Imagem	1. Se não acertar ou acertar pelo menos uma vez na ponta do nariz
	2. Se acertar uma a duas vezes a ponta do nariz
	3. Se falhar uma ou duas vezes, mas com movimento adequado
	4. Se tocar quatro vezes exatamente na ponta do nariz
Imitação de Gestos	1. Não reproduz nenhuma ou apenas uma das figuras com distorção
	2. Reproduz duas figuras com distorção
	3. Reproduz três figuras com ligeiras distorções
	4. Reproduz com perfeição, precisão e acabamento
Coordenação Óculo-Manual	1. Não acerta nenhum lançamento
	2. Acerta um dos quatro lançamentos
	3. Acerta dois dos quatro lançamentos
	4. Acerta três ou quatro lançamentos
Velocidade-Precisão (Pontos)	1. Realiza menos de 15 pontos ou se não completa a tarefa
	2. Realiza entre 20 a 30 pontos
	3. Realiza entre 30 a 50 pontos
	4. Realiza mais de 50 pontos
Velocidade-Precisão (Cruzes)	1. Realiza menos de 10 cruces ou se não completa a tarefa
	2. Realiza entre 10 a 15 cruces
	3. Realiza entre 15 a 20 cruces
	4. Realiza mais de 20 cruces

O trabalho foi desenvolvido durante as aulas de Educação Física, ou seja, duas sessões de noventa minutos por semana, durante o ano letivo. É necessário ter em conta que muitas das vezes o aluno faltou às aulas, por diversos motivos, e durante as aulas apenas trabalhava em média cerca de trinta minutos, visto que o aluno se sentia cansado, não conseguindo realizar os movimentos corretamente e pedindo ele mesmo para parar pois estava com dores.

O balanço da aplicação de cada estilo foi efetuado a partir de uma avaliação subjetiva, por mim, do desempenho do aluno. Esta avaliação foi, essencialmente, feita através da observação durante as aulas e pelos testes efetuados no início e fim do projeto, para verificação do desenvolvimento do aluno.

7.5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para conseguir conclusões do estudo, verificando se respondi aos objetivos propostos inicialmente, de seguida analisarei os resultados dos testes comparando a realização destes no início e fim do projeto, e das observações das aulas do desempenho do aluno.

Assim, passo a salientar os resultados dos testes realizados:

	Pontuação			
Baterias de Testes	<u>Início do Projeto</u>		<u>Fim do Projeto</u>	
Proeficiência Motora Bruininks-Oseretsky (1978)” (durante 1 min)				
Agarrar um bola e lançá-la com ambas as mãos	38		42	
Agarrar uma bola e lançá-la com uma mão	Direita	Esquerda	Direita	Esquerda
	48	32	57	38
Driblar uma bola com uma só mão	Direita	Esquerda	Direita	Esquerda
	45	0	54	5
FACDEX				
Lançamento da bola medicinal em frente	1,52 m		1,67 m	
Lançamento da bola medicinal à	0,98 m		1,46 m	

retaguarda		
Bateria Psicomotora (Vítor da Fonseca)		
Sentido cinestésico	Nível 3	Nível 3
Auto-imagem	Nível 3	Nível 4
Imitação de gestos	Nível 3	Nível 3
Coordenação óculo-manual	Nível 2	Nível 2
Velocidade-precisão (pontos)	Nível 3	Nível 3
Velocidade-precisão (cruzes)	Nível 4	Nível 4

Como se pode verificar na tabela anterior, nota-se uma evolução em alguns dos resultados no desenvolvimento motor, dos quais na coordenação dos membros superiores, nos lançamentos da bola medicinal e na auto-imagem no teste Vítor da Fonseca. Nos restantes testes, os testes são idênticos com a exceção do teste de velocidade-precisão. Isto porque, para além do nível ser o mesmo, nota-se uma ligeira subida na realização de pontos e cruzes, sendo necessariamente escritas vinte e duas cruzes no início do projeto e vinte e seis no final do projeto, e trinta e quatro pontos no início e quarenta e seis no final do projeto.

Os exercícios realizados foram maioritariamente para o aluno usar a sua força de membros superiores. Quando era pedido ao aluno para realizar um exercício com garrafas de águas que já tinha sido lecionado em aulas anteriores, o aluno afirmava que não se lembrava, não sabendo que exercícios realizar. Com isto, verifiquei que o estilo de ensino inclusivo, não era o mais indicado para ele, pois o aluno tinha o poder de decisão dos exercícios a realizar e não conseguia ter autonomia suficiente para essa realização.

Devido ao facto do aluno não ser autónomo em nenhuma tarefa, foi conclusivo que o estilo de ensino mais indicado para desenvolver trabalhos com este, seria o ensino por comando, onde o professor tem total poder de decisão das tarefas a serem realizadas. Isto porque aquando da realização dos exercícios, até o ritmo que era pretendido tinha de ser controlado, ajudando com demonstração deste.

6. CONCLUSÃO

Com o Relatório de Estágio, pretendo mostrar como foi o ano de Estágio Pedagógico, numa escola, concretamente na escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos, em Vila Nova de Poiares.

Neste ano de estágio considero que adquiri muitos conhecimentos acerca das funções de um professor de educação física, onde mostrou em contexto real, aquilo que anteriormente não teríamos tido contacto. Para além de apresentar bastantes dificuldades no início do ano letivo, verifico que no decorrer deste e com o diverso trabalho construído, consegui ultrapassar estes aspetos, na sua maioria. Sei que apenas este ano não é necessário para ser um bom professor, sendo preciso aperfeiçoar todos os dias, cada vez mais, o processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, é necessário uma formação contínua ao longo da vida, pois se encontrarmos várias turmas ao longo desta, temos de saber adaptarmos, tendo prioridade a necessidade dos alunos que encontramos.

Este ano letivo promoveu variadas aprendizagens didáticas e pedagógicas, no qual fez com que eu me enriquecesse no sentido em que posso encarar o futuro, com mais conhecimento para o ensino das aprendizagens, tornando-me uma melhor pessoa tanto a nível profissional como a nível pessoal.

7. BIBLIOGRAFIA

- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Coleção Horizonte de Cultura Física.
- Bom, L., Costa, F., Jacinto, J., Cruz, S., Pedreira, M.; Rocha, L., et al. (2001): *Programa Nacional de Educação Física* (Reajustamento) – Ensino Básico 3º Ciclo.
- Ribeiro, L. (1999). *Tipos de Avaliação* - Texto de Apoio. FCDEF-UC.
- Carvalho, L. (1994). *Avaliação das aprendizagens em Educação Física*. Texto de apoio. FCDEF-UC.
- Silva, E., Fachada, M., Nobre, P. (2014). *Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º Semestres 2014-2015*. FCDEF-UC.
- Campos, M. J. (2009). *Documentos de apoio da unidade curricular Ensino Integrado em Educação Física*. FCDEF-UC.
- Nobre, P., Fachada, M., Silva, E.. (2012). *Documentos de apoio da unidade curricular Didática da Educação Física e Desporto Escolar*. FCDEF-UC.
- <http://www.drb-assessoria.com.br/bateriapsicomotora2.pdf>, acedido a 10 de Novembro de 2014.
- <https://prezi.com/2ghylctt8m8h/bateria-psicomotora-de-vitor-da-fonseca>, acedido a 24 de Janeiro de 2015.

